

# LINGUASAGEM

## “VADIA” SIM, POR QUÊ NÃO?: AS MOVÊNCIAS DE SENTIDOS NO DISCURSO MUSICAL

Karen Gabriele POLTRONIERI<sup>1</sup>  
Marco Antonio Almeida RUIZ<sup>2</sup>  
Aline Oliveira AMORIM<sup>3</sup>

### RESUMO

O feminismo é o movimento que luta pelos direitos sociais, econômicos e políticos das mulheres, buscando alcançar uma sociedade mais igualitária. No entanto, há indícios de que, em um processo natural de evolução, este movimento apresenta atualmente tendências e demandas que se distinguem às de momentos anteriores. Tendo isso em mente, burcar-se-á obter, por meio da análise da música “*Hard Out Here*” (2014), um panorama de qual seria esse novo contexto feminista. Para alcançar este objetivo, retomaremos, em um primeiro momento, os conceitos de Mikhail Bakhtin de signo ideológico, discurso de outrem e polifonia. Após essa revisão, elaboraremos, por meio de uma linha do tempo, uma síntese das três ondas feministas e do ciberfeminismo, buscando evidenciar diferenças entre o contexto atual e o de tempos passados. Por fim, iremos expor as conclusões levantadas durante o desenvolvimento deste trabalho, dentre elas a resignificação e a luta de classes, presentes no signo ideológico “vadia”, e as características de ruptura e de continuidade do feminismo.

**Palavras-chave:** Feminismo; Discurso de Outrem; Polifonia; Signo ideológico; Vadia.

### ABSTRACT

Feminism is the movement that fights for the social, economic and political rights of women, seeking to achieve a more egalitarian society. However, there are indications that, in a natural process of evolution, this movement currently shows tendencies and demands that are different from those of previous moments. With this in mind, this article will sought means to obtain, through the analysis of the music "Hard Out Here" (2014), a panorama of what would this new feminist context be . In order to reach this goal, we will use, initially, Mikhail Bakhtin's concepts of ideological sign, others' speech and polyphony. After this review, we will elaborate, through a timeline, a synthesis of the three feminist waves and of cyberfeminism, seeking to show differences between the current context and that of past times. Finally, we will present the conclusions drawn during the development of this work, among them the resignification and the class struggle, present in the "bitch" ideological sign, and the characteristics of rupture and continuity of feminism.

**Keywords:** Feminism; Speech of Others; Polifony; Ideological Sign; Bitch.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós graduação em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo [karen.poltronieri@usp.br](mailto:karen.poltronieri@usp.br)

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2019) e doutor em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris (2019) [marcoalmeidaruiz@gmail.com](mailto:marcoalmeidaruiz@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo [aline\\_amorim@usp.br](mailto:aline_amorim@usp.br)

## Introdução

*“Toma um chopp comigo, vagabunda  
Que eu sei a vagabunda que eu sou”  
(FALCÃO, 2016)*

Falar sobre certos assuntos ou textualizar certos discursos sobre (acerca da) a mulher e o movimento feminista são, muitas vezes, polêmicos, definidos como tabus e cheios de pré-conceitos estabilizados e enraizados em nossa formação social. A mulher, há muito tempo, tem figurado no cenário social como um ser “fragilizado” e “diferenciado” associando tal “condição feminina” às características biológicas. No entanto, embora a biologia defina certos traços e delimita, teoricamente, as características de cada gênero, não podemos permitir que tal ação natural seja uma razão que sustente um discurso tão separatista, utópico colocando-a no bojo do lugar “privado”, do lar e do conforto de casa, em relação ao “público”, associado ao homem, responsável pelo sustento. É, pois, preciso quebrar esse imaginário pré-julgado e reconhecer o papel do feminino fora da memória do “ser sacro”, terno e comportado e observar as transformações sociais graças aos movimentos de mulheres que lutam, diariamente, por seus direitos; devemos, com isso, lembrar a sociedade que o “público” não tem um único gênero – o masculino – mas a força e a resistência de mulheres fortes que vencem, felizmente, a barreira da imposição de valores patriarcais e obsoletos para ocupar seu lugar de direito, como cidadã livre, forte e militante.

Assim, mesmo que as discussões de tais temas sejam tomadas como polêmicas, são extremamente necessárias observar as condições de emergência de certos discursos que insistem em padronizar a mulher em moldes socialmente constituídos e compreender porque, ainda, é preciso que a mulher textualize a sua independência – o dizer no e pelo corpo, como forma de resistência ao discurso machista, por exemplo – e o seu lugar social conquistados por direito? Infelizmente, as mulheres, apesar de constituírem uma grande parcela na coletividade humana, são ainda uma minoria social, ou seja, podem ser maiores em números, mas os direitos sociais ainda são inferiores, mesmo com os avanços na conquista de seus direitos durante os dois últimos séculos.

A luta das mulheres é constante na promoção da igualdade de gênero e na ocupação de seu espaço. Se analisarmos a segunda década do século XXI (tendo em vista o recorte do mundo ocidental, marcado pela globalização), as condições da mulher tiveram grande avanço em relação ao final do século XIX, por exemplo. Após garantir definitivamente perante a lei o direito ao voto, ao trabalho fora de casa (sair do “privado”), ao divórcio, e tantas outras conquistas, chega o momento em que o feminismo passa a focar em aspectos mais “velados” e mais intrínsecos do machismo em nossa sociedade como forma de resistir a esses discursos cristalizados e preconceituosos. No entanto, defendemos que esse enfoque traz também mudanças no movimento como um todo. Quando, finalmente, foram alcançados os objetivos iniciais deste movimento, o feminismo tem disponibilidade para analisar práticas que, em sua maioria, não incluem nenhuma ilegalidade explícita, mas ainda assim constituem-se como problemas relacionados ao contexto social da discriminação presente, nesse ato, acabam por reforçar o machismo e, de certa forma, invalidar as suas conquistas anteriores. A partir disso, podemos pensar: são questões que discutem sobre o que é ser mulher, o que constitui o sujeito feminino e o que determina as práticas desse “ser” que estão em jogo em um funcionamento sócio-ideológico?

Por estas razões, o momento atual demonstra ser uma transição de caráter essencial para a concretização dos ideais feministas e igualitários na sociedade e o menos propício ao silenciamento desse movimento; é um momento de reforçar as constantes lutas, discursivizar e textualizar a sua voz por meio das práticas verbais e não verbais<sup>4</sup>, das práticas sociais e de ratificar o discurso de resistência a pontos de vistas cada vez mais utópicos e machistas.

Levando em consideração a relevância do tema, este artigo tem como objetivo a análise da letra da música “*Hard Out Here*”<sup>5</sup> (2014) da cantora Lilly Allen, tendo como base as tendências contemporâneas do movimento feminista e os pressupostos teóricos bakhtinianos. Com isso, pretendemos responder às seguintes questões: como o feminismo do presente difere do feminismo do passado? Como a música em questão representa uma tentativa de (re)significação de signos ideológicos utilizados para

<sup>4</sup> É importante observarmos a voz do corpo que fala no silêncio a ele imposto na sociedade, o corpo, por exemplo, no movimento *Marcha das Vadias* (2013), textualiza o sentido de liberdade, redefine certos conceitos pré-julgados e ressignifica, muitas vezes, certas definições socialmente cristalizadas. A palavra “vadia”, por exemplo, durante esse movimento social, adquiriu um outro sentido, de “mulher de vida devassa ou amoral” (Michaelis, 2019) a mulher livre, militante e dona de seu corpo. Trata-se, pois, de quebrar certos imaginários sociais e valores machistas que, infelizmente, assolam, ainda, a nossa formação social.

<sup>5</sup> Tradução livre “Difícil aqui fora”.

textualizar a mulher no e pelo discurso, originalmente cerceados pelo machismo? Como os conceitos de discurso de outrem e polifonia encontram-se presentes na letra? Sendo assim, tem-se como objetivo obter, por meio da análise da letra em questão, uma visão sobre as atuais demandas feministas e suas formas de funcionamento.

Buscando, desse modo, cumprir tal objetivo e responder tais questões propostas, tal estudo se divide em três etapas. A primeira propõe-se a apresentar as teorias bakhtinianas que norteiam a análise a ser realizada. Para isso, retomaremos os conceitos de signo ideológico, dialogismo e polifonia; expostos pelo autor na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017). Em um segundo tópico, estabeleceremos uma síntese dos panoramas das três ondas feministas e do ciberfeminismo atual, buscando enfatizar, por meio de uma linha do tempo, a evolução das propostas em cada um destes, ressaltando também suas diferenças em relação a alguns outros momentos passados.

Por fim, faremos a análise dos enunciados que constituem a letra de “*Hard Out Here*” (2014), associando-os à teoria de Bakhtin (2017); além disso, buscamos demonstrar como tais falas representam algumas das pautas mais recentes do feminismo, com foco na distinção e na inferiorização social entre os sexos, por exemplo. Sendo assim, propomos esse jogo ideológico, em que os enunciados que discursivizam o movimento feminista estão inseridos em um funcionamento social, produzindo (res)significações a partir de uma estrutura dialógica.

### **Um pouco de teoria: dialogia e(m) discurso**

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017 [1929]), Bakhtin tem como propósito abordar problemas como da formação da linguagem, o da interação discursiva, da compreensão, da significação (problemas estes que convergem em um principal: o da realidade concreta dos fenômenos linguísticos) pelo viés marxista (BAKHTIN, 2017, p. 87). A natureza social do enunciado é tida como a ideia principal da obra. Assim, ele insere o conceito de signo ideológico, aprimorando o signo já estabelecido anteriormente por Saussure. Para o filósofo (2017, p. 91), “[...] tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia”.

Nesse caminho, podemos dizer que não há funcionamento da ideologia sem a existência do signo linguístico. Objetos físicos, instrumentos de produção e produtos de consumo podem vir a se tornar signos ideológicos, contanto que, para isso, adquiram

“uma significação que ultrapassa os limites de sua existência particular” (BAKHTIN, 2017, p. 92-93). É o que ocorre, exemplifica Bakhtin, com a foice e o martelo do brasão comunista. Um signo ideológico caminhando com uma significação. Porém, ainda assim, é perceptível a fronteira semântica entre tal objeto/instrumento/produto e o signo ideológico, já que “um instrumento por si só não se transforma em um signo, nem um signo em um instrumento de produção” (BAKHTIN, 2017, p. 93).

Para o autor, o signo ideológico é de caráter material, uma parte material da realidade, além de reflexo desta. É por meio da materialidade ideológica que a produção de significação acontece, não isenta dos fatores da exterioridade em que o signo está inscrito. “Tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa” (BAKHTIN, 2017, p. 94). Se o ideológico é social, criado pelo homem; e o signo contém ideologia, logo este também é de caráter social e coletivo.

Se a forma linguística pode ser considerada estruturante do signo ideológico como seu corpo material, aquilo que ele “vale”, seu sentido, o modo como o real se reflete através dele é sempre determinado enquanto uma ‘força produtiva’ que ‘deita suas raízes no vivido’, no meio social e histórico em que os sujeitos interagem, estruturando, ao mesmo tempo, o que denominamos de consciência. (ZANDWAIS, 2010, p. 109).

O signo é ideológico porque se constitui na sua relação com a alteridade, isto é, o outro em discurso que “responde” esse processo dialógico, em que vemos uma inter-relação entre os sujeitos, um constituindo o outro pelo seu dizer. Nessa toada, para o autor, o dialogismo é a condição da linguagem, é o traço constitutivo que rege a linguagem. Então, esta constrói-se na interlocução para produzir significação. A palavra é sempre do outro e perfaz um diálogo com outra palavra de modo que todo texto retoma um discurso anterior, de outrem (BAKHTIN, 2017). Seguindo nessa teorização, percebemos ainda que tal interação discursiva se concebe como a condição de um discurso, sempre socialmente construído, não sendo possível haver neutralidade, representando assim um processo histórico-social. Tendo seus estudos enraizados na filosofia de Karl Marx, o conceito de linguagem para Bakhtin é definido como a arena da luta de classes, onde há movimento no social que afeta a dialética e se inscreve em uma enunciação, não sendo ela neutra, mas interpelada ideologicamente pela interação social da língua (BAKHTIN, 2017).

Desse modo, o filósofo ressalta ainda o fato de que o signo e sua existência são a materialização da comunicação social (2017, p. 98). É, pois, na linguagem que, segundo ele, essa relação de determinação se mostra como exemplo e maior clareza. Vejamos:

[...] não há nada na palavra que permaneça indiferente a essa função e que não seja gerado por ela [...] É justamente no material da palavra que se pode explicar, ao melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação sógnica (BAKHTIN, 2017, p. 98-99).

É preciso, pois, considerar também a palavra como o signo do discurso interior, da consciência. Sendo assim, tem a possibilidade de se realizar como signo sem que seja expressa no exterior. Para tal, o autor ressalta a necessidade de analisar a palavra como signo social para assim chegar à compreensão de sua função como um meio da consciência (p. 100), pois é apenas por meio desse processo que se torna possível a internalização de qualquer fenômeno ideológico e sua posterior aceitação ou rejeição, aproximação ou afastamento.

Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem neles e não podem ser nem isolados, nem separados dele por completo [...] A consciência sempre saberá encontrar alguma aproximação verbal com o signo cultural [...] A palavra está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação (BAKHTIN, 2017, p. 100-101).

São essas características que fazem com que a palavra seja considerada um objeto basilar da ciência das ideologias. Ou seja, se a existência de todo sistema de normas sociais coincide em uma posição análoga – existem apenas em relação às consciências subjetivas dos membros de uma dada coletividade –, e se para o falante a forma linguística se faz importante como um signo mutável e flexível, logo é coerente concluir que, no que concerne à compreensão, tal tarefa

[...] não se reduz ao reconhecimento da forma usada, mas à sua compreensão em um contexto concreto, à compreensão da sua significação em um enunciado, ou seja, à compreensão da sua novidade e não ao reconhecimento da sua identidade (BAKHTIN, 2017, p. 177-178).

Ou seja, o signo, ideologicamente, se altera e se flexiona de acordo com seu contexto de uso. Sendo assim, o falante e o que escuta lidam com

[...] a linguagem no sentido do conjunto de diferentes contextos possíveis em que essa forma linguística pode ser usada. Para o falante nativo, a palavra se posiciona não como um vocábulo de dicionário, mas como uma palavra presente nos enunciados mais variados da combinação linguística A, B, C etc., e como palavra de seus próprios enunciados multiformes (BAKHTIN, 2017, p. 180).

Além disso, se a forma linguística é dada somente no contexto de um enunciado, logo, também, é dada apenas em um determinado contexto ideológico, que engloba aquele anterior. Conforme Bakhtin (2017, p. 181), “a palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana”, e é somente essa palavra que nós compreendemos. É por isso que “a língua no processo de sua realização prática não pode ser separada do seu conteúdo ideológico ou cotidiano” (p. 181). Ademais, sendo o enunciado, para o autor, a unidade real do fluxo discursivo, ele afirma que

Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta [...] Todo monumento continua a obra dos antecessores, polemiza com eles, espera por uma compreensão ativa e responsiva, antecipando-a etc. (BAKHTIN, 2017, p. 184).

É por essa razão que qualquer enunciado sempre irá, em diferentes intensidades, concordar ou discordar de algo, ou de diferentes contextos, encontrando-se em um estado de interação e tensão constante (p. 197). Dessa forma, a oposição entre os contextos de uso de uma palavra pode ser identificada como réplicas de um diálogo.

De fato, o ato discursivo, ou mais precisamente o seu produto – o enunciado – de modo algum pode ser reconhecido como um fenômeno individual no sentido exato dessa palavra, e tampouco pode ser explicado a partir das condições psicoindividuais e psíquicas ou psicofisiológicas do indivíduo falante. *O enunciado é de natureza social* (BAKHTIN, 2017, p. 200, grifo do autor).

O enunciado assume, assim, a imagem representante do grupo social ao qual o falante pertence. Esse indivíduo possui, em seu interior, um auditório social estável, no qual desenvolve seus argumentos, motivos e avaliações próprios. Não obstante, não é capaz de ultrapassar os limites de uma determinada classe e época (BAKHTIN, 2017, p. 204-205).

Com efeito, isso acontece também devido à importância da orientação da palavra para o interlocutor:

Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige [...] Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade [...] A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (BAKHTIN, 2017, p. 205).

O falante, ao se expressar por meio da palavra-signo, primeiramente toma-a emprestada de uma reserva social de signos disponíveis (ou seja, coerentes ao contexto determinado dentro dessa sociedade). O uso desse signo em um enunciado concreto é

inteiramente dado pelas relações sociais (p. 206). Porém, Bakhtin (2017) afirma que o enunciado formulado também sofre influência da vivência interior (que, para gerar uma objetividade exterior, passa pelo território social). Ao conjunto de vivência da vida e às expressões externas ligadas a ela, dá-se o nome de ideologia do cotidiano. “[...] é o universo do discurso interior e exterior, não ordenado nem fixado, que concebe todo nosso ato, ação e estado ‘consciente’” (2017, p. 213). Os sistemas ideológicos formados nessa sociedade passam por seu processo de cristalização a partir da ideologia do cotidiano e passam a exercer influência sobre ela, passando, com isso, a determinar seu tom. Ou seja, em uma ligação orgânica, “[...] nutrem-se da sua seiva e fora dela estão mortos” (BAKHTIN, 2017, p. 213).

Por conseguinte, após explanarmos tais conceituações teóricas, partimos, neste momento, para o conceito de discurso de outrem, ou discurso alheio, sendo este “o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado” (p. 249).

De maneira geral, o discurso de outrem diz respeito ao diálogo estabelecido entre dizeres já ditos em uma sociedade, que constantemente são retomados para a formulação de novos dizeres, que podem vir a seguir o caminho de seus usos anteriores, ou mudar completamente de rota. Seja qual for o caso, o falante não é a origem do próprio dizer, já que a formação de todos os enunciados tem como fator principal, antes de qualquer outro, o social. Logo, pode-se dizer que falar é um ato necessariamente dialógico,

O dialogismo, em Bakhtin, comporta uma dupla dimensão: por um lado, diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. E, nesse sentido, podemos interpretá-lo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem (GRIGOLETTO, 2005, p. 119).

Logo, esse dialogismo se relaciona também ao conceito de polifonia, apresentado por Bakhtin ao falar da multiacentuação, da dialética do signo ideológico. Se o atrito (ou a combinação) entre diferentes discursos de outrem, ao entrarem em contato, constitui o dialogismo, a polifonia é, por sua vez, a presença de diversas vozes (representando aqui as vivências de distintas classes sociais) que lutam por espaço em um mesmo signo, em um mesmo enunciado, enfim, em qualquer fala: “[...] uma enunciação polifônica pode materializar o embate entre diferentes relações de força que

se estabelecem e podem ser apreendidas no funcionamento do discurso” (CAZARIN, 2005, p. 137).

## O Feminismo

Segundo o dicionário Aurélio *online*, a palavra “feminismo”<sup>3</sup> tem o seguinte significado: “Sistema dos que preconizam a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher ou a igualdade dos direitos dela aos do homem”. Já a palavra “machismo”, em consideração a mesma fonte, significa: “1 - Modos ou atitudes de macho. 2 - Ideologia segundo a qual o homem domina socialmente a mulher”.

Chamaremos, pois, atenção ao discreto fato de que, enquanto o machismo pode ser considerado “modos ou atitudes de macho”, o feminismo não é associado, aqui, a “modos ou atitudes de fêmeas”. Nesse sentido, poderia-se dizer que isso diz respeito ao fato de que o feminismo não atingiu ainda a mesma proporção de mulheres, enquanto o machismo abrange tal proporção de homens? Ou seja, seria quase uma relação de concordância estabelecida por nossa sociedade, a de que para um homem ser visto como aquele que possui modos e atitudes de macho, deva também subjugar a mulher? No entanto, não há uma relação de concordância entre uma mulher que possua modos e atitudes de fêmea estar em uma posição sujeito de igualdade à do “macho”, mas sim, é tida como inferior.

Consideramos, assim, uma possibilidade de dizer: enquanto a própria definição de machismo a une ao que todo homem deveria ser para ser homem, o feminismo foi plantado (pelo patriarcado) como um modelo do que uma mulher não precisa ser para se constituir como mulher. O homem, em sua condição de homem, deve dominar a mulher. Já a mulher, em sua condição de mulher, não deve lutar contra isso<sup>6</sup>. A definição de “machismo” coloca como autorizada uma ideologia de superioridade do gênero masculino diante do feminino, na qual no dicionário fica explicitado essa dominação; as

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/machismo>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

Tais discursos utópicos emergem novamente a partir das condições de sua produção. Ou seja, como tais enunciados são formulados pela mídia, por exemplo, que possibilitam retomar “o todo complexo com o dominante” (PÊCHEUX, 2014, p. 149) cristalizado e preconceituoso presentes na formação social. Como exemplo, recentemente, a então ministra da Mulher, Família e dos Direitos Humanos, Damara Alves, em uma audiência pública na Comissão de defesa dos Direitos das Mulheres na Câmara, afirmou que a mulher, enquanto casada, e na “concepção cristã”, deve se sujeitar ao seu marido, ou seja, ser submissa. Trata-se, pois, de um posicionamento contrário à luta das mulheres (e propriamente contraditório em relação à pasta que a então ministra coordena) que há tantos anos vem se dedicando e resistindo a discursos como esses.

atitudes ditas de “macho” reafirmam um comportamento social de primazia sobre o sujeito mulher. Por outro lado, o “feminismo” não se apresenta como uma definição de movimento social que busca combater o machismo, apenas reafirma a desigualdade de direitos e coloca à margem os sujeitos que se denominam feministas, não como condição de um sujeito “fêmea”, mas como distinção.

Na esteira desse percurso teórico, ressaltamos que, embora o feminismo não seja o oposto do machismo (já que não procura a dominação social da mulher sobre o homem), também não se encontra na mesma linha ideológica que este; na verdade, diferem-se totalmente. Para objetivos de demonstração do que seriam os ideais feministas e de que forma estes se constituíram e desenvolveram com o tempo, serão revisadas a seguir as ondas feministas e seus aspectos particulares.

A primeira onda feminista pode ser contextualizada entre o fim do século XIX, mais precisamente em 1848, até meados do século XX, entre 1950 e 1960, dependendo da filiação teórica do historiador em questão. É importante ressaltar que, com a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra durante o século XVII, a sociedade passa a adquirir características industriais, urbanas, e a se aproximar do liberalismo econômico.

Dado esse contexto, as principais lutas da primeira onda feminista foram pelo direito ao voto e à participação na vida política e pública (o que inclui o direito ao trabalho, embora as mulheres da classe operária já estivessem inseridas nesse campo, em condições de exploração). As participantes desse movimento receberam, na época, o nome de sufragistas. Tal denominação é justificada pelo significado fato de que nesta onda era reivindicado o sufrágio universal.

É possível notar, portanto, que ao reconhecer as participantes da primeira onda como sufragistas, também se reconhece o quanto este primeiro momento da luta feminista estava interligado à luta pelo voto, sendo esse seu principal objetivo.

O primeiro momento do feminismo da primeira onda foi caracterizado pelo seu cunho conservador, questionando a divisão sexual dos papéis exercidos entre homens e mulheres. As mulheres contestavam as diferenças contratuais e econômicas, diferença na capacidade por escolher aquilo que lhes era conveniente, ou seja, diferença na liberdade que lhes era concedida e, sobretudo, a diferença política, pois eram proibidas de votar e escolher por quem gostariam de ser representadas (MONTEIRO; GRUBBA, 2017, p. 268).

Houve correntes da primeira onda feminista que lutaram também pela abolição da escravatura, e outras que, ao associar as questões feministas a teorias socialistas e marxistas, tiveram como foco a condição da mulher operária. Em decorrência da

Primeira Guerra Mundial, as mulheres (principalmente na Europa) passaram a participar mais ativamente do mercado de trabalho, devido a ida dos homens ao combate nas trincheiras; ocupando, assim, postos em indústrias, com destaque para a bélica, entre outros cargos como telefonistas e secretárias. Tal inserção, por fatores econômicos e políticos, estimularam mudanças sociais que acabam por fortalecer a luta sufragista.

Em meio a diversos outros fatores, as mulheres passam a adquirir o direito ao voto em seus respectivos países. Em 1918, ainda durante a então chamada Grande Guerra, o sufrágio feminino é alcançado na Alemanha. Em 1920 nos Estados Unidos; em 1928 no Reino Unido (em 1918, mulheres acima de trinta anos já haviam garantido o direito ao voto, mas é apenas dez anos depois que o sufrágio universal para todas as pessoas acima de 21 anos foi conquistado); em 1932 no Brasil; em 1944 na França e apenas em 1945 na Itália.

No entanto, a luta sufragista foi só o início de um movimento por meio do qual a desigualdade entre homens e mulheres passou a ser desafiada na arena pública. Na Europa e na América do Norte, depois de essa primeira onda perder força na década de 1930, novas abordagens e correntes feministas começaram a aparecer (SOUZA, 2015, p. 15).

Por volta da década de 1950 e início da década de 1960, tem início a segunda onda feminista. Nessa onda, o foco é a luta pelos direitos reprodutivos das mulheres bem como sua sexualidade, que incluem temas como a legalização do aborto, contracepção, liberdade sexual, divórcio unilateral e divórcio facilitado. É, pois, o momento que se intensifica a busca pela identificação da origem da desigualdade entre o homem e a mulher, e conseqüentemente do que cristalizaria a condição do feminino como submissa ao masculino. Tendo em vista esses aspectos, podemos citar o lançamento da obra “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir em 1949.

Para Beauvoir (2016 [1949], p. 12) “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. Ou seja, aqui o homem ocupa a posição de “Um”, e submete a mulher à posição de ser o “Outro”, o Segundo, o não essencial. Se o sujeito só se põe ao se opor, logo o homem põe-se como essencial ao fazer da mulher o inessencial.

[...] não é o Outro que se definindo como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio [...] a mulher sempre foi, se não escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam um mundo em igualdade de condições (idem, p. 14 – 17).

Sendo assim, argumenta-se durante esse movimento que seria a capacidade reprodutiva da mulher, atribuída por seu sexo, o fator utilizado pelo patriarcado para subjugar-la e explorá-la. Cresce então, a crítica à exploração advinda do casamento e da maternidade.

Já em “Mística feminina” (1971 [1973]), Betty Friedan constrói uma crítica à manipulação da mulher pela sociedade de consumo, que utiliza a denominada mística feminina para tal fim, como forma de marketing em grande escala direcionada à consumidora mulher.

E assim a mística feminina começou a espalhar-se pelo país, acrescida de velhos preconceitos e confortáveis convenções, que facilmente deram ao passado um apoio no presente. Por detrás da nova mística existiam preconceitos e teorias enganadoras em sua sofisticação e aparência de verdades consagradas. [...] A mística feminina afirma que o valor mais alto e o compromisso único da mulher é a realização de sua feminilidade. Afirma ainda que o grande erro da cultura ocidental, no decorrer dos séculos, foi a desvalorização dessa feminilidade [...] O erro, diz a mística, a raiz do problema feminino no passado, é que as mulheres invejavam os homens, tentavam ser como eles, em lugar de aceitar sua própria natureza, que só pode encontrar realização na passividade sexual, no domínio do macho, na criação dos filhos, e no amor materno (FRIEDAN, 1971 [1963], p. 40).

Outras discussões que permeiam a segunda onda feminista são: a diferença salarial entre homens e mulheres; a jornada dupla de trabalho das mulheres e; a divisão sexual da educação e do mercado de trabalho.

No Brasil, essa segunda onda veio se estabelecer nos anos 1960, em que o movimento coincidiu com o Golpe Militar de 1964. Após a instauração do AI-5, os direitos políticos foram dificultados em um nível extremo, para mulheres então era um cenário impossível (PINTO, 2003, p. 42-43). Pinto ainda discorre sobre como a decorrência desse contexto foi disseminando questionamentos mais profundos. Ademais, partindo dos estigmas de um “ser mulher” no contexto geral, o Brasil trouxe o enredo das classes sociais e discriminações raciais, em que se começou o expandir de feminismos, o movimento não seria mais tão homogêneo, mas sim apresentaria vertentes para diferentes mulheres: as brancas, as negras, as de classe média, as de classe baixa, as que trabalham fora, as donas de casa, e as muitas formas de mulheres que compõe nossa sociedade.

A terceira onda feminista tem início durante os anos 1990, trazendo como maior luta os estudos de gênero. Aqui, Judith Butler destaca-se com o lançamento da obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2003 [1973]), na qual

estabelece uma genealogia crítica – “Explicar as categorias fundacionais de sexo, gênero e desejo como efeitos de uma formação específica de poder” (BUTLER, 2003, p. 9) - dividida em três capítulos.

Repensar teoricamente a “identidade definida” das mulheres como categoria a ser defendida e emancipada no movimento feminista parece ter sido a principal tarefa de Butler. O problema que ela apontou foi o da inexistência desse sujeito que o feminismo quer representar [...] a filósofa acrescentou a crítica ao modelo binário, que foi fundamental na discussão que a autora levantou a respeito da distinção sexo/ gênero. O conceito de gênero como culturalmente construído, distinto do de sexo, como naturalmente adquirido, formaram o par sobre o qual as teorias feministas inicialmente se basearam para defender perspectivas “desnaturalizadoras” sob as quais se dava, no senso comum, a associação do feminino com fragilidade ou submissão, e que até hoje servem para justificar preconceitos. O principal embate de Butler foi com a premissa na qual se origina a distinção sexo/gênero: sexo é natural e gênero é construído (BUTLER, 1990 apud RODRIGUES, 2005, p. 179).

Além disso, para esse momento, podemos olhar mais a fundo para um conceito denominado de “interseccionalidade”. Mais acima, vimos um feminismo identitário, por exemplo, na segunda onda feminista, tomar maior força e passar por um processo de desenvolvimento. Esse processo ficou marcado pelas diferenças e interlaces em que o sujeito mulher estaria exposto a um então movimento feminista interseccional entre gênero, raça, classe, etc. O termo interseccionalidade foi cunhado pela teórica feminista estadunidense Kimberlé Crenshaw, e no Brasil temos o nome de Carla Akotirene como estudiosa e grande pesquisadora.

Esse conceito vai contra a noção de um feminismo universal, destacando, assim, as várias vertentes feministas, em que uma grande quantidade de mulheres não eram oprimidas apenas por serem mulheres, mas também por outros fatores: mulheres negras encontravam-se em condições de opressão mais extremas do que mulheres brancas, mulheres operárias eram mais exploradas do que mulheres burguesas, mulheres cuja sexualidade fugisse da heterossexualidade sofriam mais preconceito perante a sociedade do que aqueles que atendiam a esse padrão.

Ou seja, para as defensoras da interseccionalidade, se dentro do contexto “ser mulher” há divisões com diferentes motivos que alimentavam a opressão de cada um desses grupos, logo suas lutas também deveriam seguir motivações diferentes e sua forma de reivindicação não seria a mesma. Sendo assim, o feminismo não é universal e não possui um grande objetivo único a ser alcançado. Falar em universalismo seria,

portanto, uma prática excludente. O feminismo, então, passa a se desdobrar em feminismos.

[...] a abordagem da ‘interseccionalidade’ foi desenvolvida nos países anglo-saxônicos, a partir da herança do Black Feminism, desde o início dos anos de 1990, dentro de um quadro interdisciplinar, por Kimberlé Crenshaw e também por outras pesquisadoras inglesas, norte-americanas, canadenses e alemãs [...] Tal arranjo faz com que se descortine uma potente proposta para considerar as múltiplas origens, influências e construções identitárias. Com isso, de modo transdisciplinar, são percebidas as relações entre desigualdades sociais e as formulações identitárias, sem que se aposte em hierarquização das categorias e, ainda, percebendo-se que é a interação dessas categorias que atua na produção e manutenção das desigualdades (AUAD; CORSINO, 2018, p. 3).

Há ainda o ciberfeminismo <sup>7</sup>, movimento marcante do feminismo contemporâneo, do início na década de 1990, promovido pelo desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC’s): “[...] preza pelo empoderamento feminino e rompimento com as estruturas patriarcais a partir da apropriação tecnológica por parte de mulheres. (AZZELLINI; MARTINO, 2017, p. 2). Com efeito, configura então, uma aproximação da mulher e do feminismo com a tecnologia (cada vez mais acessível), utilizando-a, assim, para praticar o ativismo de qualquer local, e, assim, disseminar de forma mais abrangente as lutas escolhidas. Isso ocorre por meio de blogs, sites, jornais *online*, redes sociais (*facebook, instagram, twitter, youtube*).

A presença do feminismo na internet situa o movimento politicamente em um ciclo de novas/outras oportunidades alavancadas pela construção de laços solidários entre mulheres e feminismos de todo o mundo. De acordo com Ureta (2005), o espaço social e virtual dinamizado pelas redes digitais proporcionou experiências de ativismo mais livres e acentuou as possibilidades de desenvolvimento de outros canais de comunicação e intercâmbio informativo, ampliados para além dos contextos localizados entre as mulheres e suas comunidades (TOMAZETTI; BRIGNOL, 2015, p. 6).

Pode-se citar como exemplo os diversos grupos e páginas referentes à *Marcha das Vadias* no Facebook, movimento que pode ser nomeado como um caso de ciber militância que excede o virtual e leva as discussões e propostas originalmente estruturadas nesse espaço, para as ruas. É ainda um “[...] movimento feminista recente, que traz à tona diversas discussões acerca do que é ser mulher e do que significa uma sociedade sexista baseada na desigualdade de gênero” (GARCIA; SOUZA, 2014, p. 1043).

<sup>7</sup> Tido por alguns teóricos como uma quarta onda feminista, e por outros como uma continuação da terceira onda.

Podemos, ainda, dizer que as manifestações públicas que compõem a *Marcha* diferem e rompem com alguns sentidos das manifestações públicas a favor do sufrágio universal, realizadas pelas sufragistas durante a primeira onda feminista, e também com outros momentos do feminismo, anteriores ao que vemos na contemporaneidade.

Para as gerações anteriores de feministas, a autonomia sobre o corpo aparecia atrelada às reivindicações pela descriminalização do aborto, pelo planejamento familiar e pela saúde da mulher. Para as gerações contemporâneas, o corpo assume um significado mais amplo [...] passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindia de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo. Assim, nas marchas, a sensualidade dos corpos é celebrada; os padrões de beleza feminina são questionados por corpos que reivindicam pelos e diferentes formatos; a menstruação é positivamente assumida. A nudez, importante instrumento de impacto nas marchas, parece condensar a um só tempo a capacidade de criticar as normas de gênero e de expressar este modo subjetivo de “libertação” do corpo (GOMES; SORJ, 2014, p. 438).

Não só tais movimentos apresentam diferenças, mas, naturalmente, o feminismo do passado e o feminismo do presente diferem em diversos aspectos em relação às suas lutas, às suas necessidades, e quanto às formas de reivindicação destas anteriores.

### Um esboço de análise “*Hard Out Here*” (2014)

I suppose I should tell you what this bitch is thinking / You'll find me in the studio and not in the kitchen [...] If I told you about my sex life, you call me a slut / Them boys be talking 'bout their bitches, no one's making a fuss [...] Forget your balls and grow a pair of tits / It's hard out here [...] For a bitch it's hard (ALLEN; KURSTIN, 2014)<sup>8</sup>

Nota-se na letra da música o uso enfático da palavra “vadia” (bitch/slut/bitches) em diversos momentos. O uso desse signo ideológico dentro dos enunciados reproduzidos aqui não é, no entanto, equivalente ao uso do mesmo signo em um contexto de difamação feminina proferida por homens ou mulheres. É possível dizer que a compositora enquadra todas as mulheres dentro do signo “vadia”, ao incitar no seguinte trecho “Esqueça seus testículos e crie um par de peitos. É difícil aqui [...] Para uma vadia é difícil”, por meio de uma metonímia do todo pela parte (a mulher dita pelos seios), que ao ser uma mulher, automaticamente também se é vadia perante o julgamento da sociedade, neste caso, implicitamente declarada como machista.

<sup>8</sup> “Suponho que eu deva te dizer o que essa vadia está pensando / Você me encontrará no estúdio e não na cozinha [...] Se eu te contar sobre minha vida sexual, você me chamaria de vadia / Mas garotos falam sobre suas vadias e ninguém cria caso / Esqueça seus testículos e crie um par de peitos / É difícil aqui [...] Para uma vadia é difícil” (ALLEN; KURSTIN, 2014, tradução nossa).

O sentido gerado por tal figura de linguagem pode ser discutido por alguns aspectos, mas é fato que este configura um cenário completamente oposto ao de chamar uma mulher em específico pelo mesmo termo, levando em consideração algum comportamento seu mau visto por determinadas camadas da sociedade; como no caso do seguinte verso: “Se eu te contar sobre minha vida sexual, você me chamaria de vadia”. Não é isso que se encontra ao se deparar com o trecho: “Suponho que eu deva te dizer o que essa vadia está pensando, você me encontrará no estúdio e não na cozinha”.

Sendo assim, pode-se constatar que a mudança no tipo de uso na qual esse signo está sendo empregado não é aleatória, e menos ainda sem consequências. Se para Bakhtin (2017, p. 99), “a palavra é o medium mais apurado e sensível da comunicação social”, logo, esse deslocamento de sentidos revela não somente uma nova tendência comunicativa, mas também uma nova posição ideológica em torno do signo “vadia”. Ou seja,

Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social [...] A palavra será o indicador mais sensível das mudanças sociais [...] A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam (BAKHTIN, 2017, p. 106).

Dado este aspecto, a mudança da simbologia do signo “vadia” demonstra uma intensificação da luta de classes contida no mesmo, o que por consequência leva-nos à possibilidade de apontar que as sociedades ocidentais encontram-se em tempos de crise social, ou então, de mudanças revolucionárias; se não ambas, já que, como afirma Bakhtin (2017), a dialética interna do signo só se revela em tais momentos.

Cabe, todavia, ressaltar que essa nova significação não leva ao esquecimento da outra (vadia como termo com intenção de ofender a mulher), a palavra possui memória de seus usos passados, sendo, portanto, impossível apagar seus outros sentidos por completo. Mesmo que quem insira esse signo em um enunciado pretenda passar apenas seu ponto de vista unicamente, esse objetivo não será alcançado, tal que

Cada produto ideológico carrega consigo a marca da individualidade do seu criador ou de seus criadores, mas essa marca é tão social quanto todas as demais particularidades e características dos fenômenos ideológicos (BAKHTIN, 2017, p. 129-130).

Dessa forma, podemos dizer que há uma polifonia atuando sobre o signo ideológico “vadia”, pelo fato de neste ressoarem tão opostos posicionamentos. Trata-se do jogo de sentidos criados pela interação social, do discurso outro imerso no discurso

do eu, sujeito produtor, adquirindo efeitos de sentidos diversos. Por exemplo, se tomarmos o emprego da palavra “vadia”, no movimento *Marcha das Vadias* (2013), vemos uma ressignificação na memória discursiva, em que esse signo adquire uma nova definição a partir das novas condições de produção desse discurso que promove um movimento a favor da resistência e da militância, da igualdade de gênero. Percebe-se tal fenômeno ao se deparar com o questionamento do que é ser vadia diante dessa construção discursiva social. A resposta, para muitos, pode parecer difícil, imprecisa, aberta a muitas significações que não concordam entre si.

Ocorre, então, uma luta de vozes: enquanto uma primeira tenta sustentar o conceito de vadia com todas as atitudes de uma mulher que possam não ser bem vistas pela sociedade – as ressignificações possíveis com as novas condições de produção discursivas –, por fugirem dos padrões impostos socialmente, ou do que se configura o feminino mobilizando outros termos de memória pejorativa, como “vagabunda” e “prostituta”; uma segunda voz arrasta a palavra para um novo sentido que se fortaleceu nos últimos tempos, “sob o peso do acontecimento da militância, agregando outras possibilidades associativas, deslocando sentidos já estabilizados – vadia, feminista, revolucionária” (CHAVES, 2015, p. 35).

Seguindo a letra da música, temos:

If you're not a size six and you're not good looking, well, you better be rich or be real good at cooking / You should probably lose some weight cause we can't see your bones / You should probably fix your face or you'll end up on your own / Don't you want to have somebody who objectifies you / Have you thought about you butt, who's gonna tear in in two? (ALLEN; KURSTIN, 2014)<sup>9</sup>

Nesse fragmento encontra-se uma série de enunciados que se posicionam em uma classe ideológica clara e definida: são falas que revelam uma realidade já cristalizada, estereotipada na sociedade, que carregam consigo fortes indícios do machismo velado com o qual ainda convivemos. A cantora, ao explorá-los, não o faz como posicionamento pessoal, mas sim como uso do discurso de outrem, mesmo que inconscientemente.

Em virtude disso, ao reproduzir tais enunciados, correria-se o risco de estar reforçando e reafirmando tal concepção cristalizada? Argumenta-se neste estudo que

<sup>9</sup> “Se você não usa tamanho trinta e oito e não é bonita, bom, é melhor você ser rica ou cozinhar muito bem / Você deveria perder peso, porque não podemos ver seus ossos / Você deveria consertar seu rosto ou vai acabar sozinha / Você não quer alguém que te objetifique? / Já pensou sobre sua bunda? Quem vai parti-la ao meio?” (ALLEN; KURSTIN, 2014, tradução nossa).

não, pautado no argumento de que “a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva” (BAKHTIN, 2017, p. 140); essa reprodução não é enunciada do mesmo local de fala que suas versões (discriminatórias) anteriores. Neste caso, enuncia-se de um local de resposta crítica, de descontentamento, de “não semelhança ideológica”, e, falando de um ponto de vista literário, carregado de ironia.

Esses versos são, assim, exemplos puros do que Mikhail Bakhtin descreve como o fato de:

[...] a classe não coincidir com a coletividade sîgnica [...] Por exemplo, várias classes podem utilizar a mesma língua. Em decorrência disso, em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas. O signo transforma-se no palco da luta de classes [...] Qualquer signo ideológico tem duas faces (BAKHTIN, 2017, p. 112-113).

No mesmo excerto, no mesmo verso, na mesma palavra, não há somente uma voz que enuncia. Como exemplo dessa multiacentuação do signo ideológico, analisar-se-á o seguinte enunciado: “Você deveria perder peso, porque não podemos ver seus ossos.”, Tal recorte, traz simultaneamente duas esferas distintas de pensamento ideológico: a primeira identifica-se tanto a face da sociedade que submete a mulher a torturantes e inalcançáveis padrões de beleza, com respaldo da mídia e do mercado; quanto a segunda, em que vemos a face que contesta esse sentido e denuncia o quão abusivo é exigir “esforços” como dietas restritivas e, em casos mais graves, o desenvolvimento de transtornos alimentares como a anorexia.

Segundo Sanches “o corpo é resultado de uma construção sócio-histórica” (2018, p. 68), logo, o padrão de beleza imposto à mulher não provém do aleatório, e não é ausente de resultados pretendidos em relação a sociedade e, especificamente, em relação ao feminino. Há um jogo de enunciações e pré-determinações colocado sobre o corpo feminino em que este carrega mais do que o visível, os esquecimentos atuam sobre esse corpo e o significam a todo o momento. Assim,

[...] a divulgação de um padrão de beleza inigualável de forma física está à cargo do que denominamos ‘texto midiático das dietas e boa forma’, afetando diretamente a relação da mulher com o seu corpo na atualidade (BAKHTIN, 2017, p. 77).

Ainda sobre o desenvolvimento de problemas de autoimagem e de transtornos alimentares, Sanches (2018) assevera, embasado em pesquisas do psiquiatra Athanássios e da psicanalista Cybelle Weinberg, que “[...] o aumento da incidência da

anorexia nervosa nas últimas décadas teria como explicação as pressões sociais cada vez maiores para que as mulheres tenham um corpo magro” (CORDÁS; WEINBERG, 2006 apud SANCHES, 2018, p. 37-38).

Tal fenômeno se faz possível porque

Se um dos pilares do sucesso é o corpo-em-forma, não conseguir formatá-lo de acordo com os ideais de beleza promulgados pela mídia é sinônimo de fracasso. O sucesso e o fracasso são como dois lados da mesma moeda: ou eu tenho sucesso ou me considero (ou sou considerado pela sociedade) um fracassado. Ou a mulher é magra (sucesso) ou gorda (fracassada). Como se a complexidade da vida pudesse se resumir a duas únicas possibilidades (SANCHES, 2018, p. 61).

Pode-se, também, dissecar alguns sentidos em “você deveria consertar seu rosto ou vai acabar sozinha”. Além de também enunciar as pressões do padrão de beleza feminina, esse enunciado vai além, ele enuncia ainda do lugar de fala de uma sociedade em que a mulher deve medir todas suas atitudes, sua personalidade, e sua aparência, pautada nos ideais masculinos de satisfação. Ou seja, anular e modificar a si mesma em nome da aprovação dos homens, sob a ameaça social de, caso se recuse a tal, permanecer sozinha, sem um parceiro romântico, ou como se enuncia comumente no vocabulário popular, “ficar pra titia”.

A letra da música segue então: “We've never had it so good, we're out of the woods / And if you can't detect the sarcasm, you've misunderstood” (ALLEN; KURSTIN, 2014)<sup>10</sup>. Os enunciados anteriores representam tanto o dialogismo quanto a polifonia presentes na música. O primeiro verso apresentado “nós nunca estivemos tão bem, nós estamos fora de perigo”, não é um posicionamento pessoal de quem compôs a letra, mas sim a apropriação do enunciado de um outro local de fala. Ao citar, por meio de seu próprio dizer, este posicionamento, mas em seguida criticá-lo – por meio do trecho “e se você não conseguiu detectar o sarcasmo, você se enganou” –, a letra cria o exemplo palpável do que seria o “atrito da palavra com a palavra alheia” (BAKHTIN, 2017, 221) que, nesse caso, parte de uma mesma pessoa, que representa, contudo, duas classes sociais distintas. É nessa presença de mais de uma classe social falando em um mesmo conteúdo que podemos notar a presença da polifonia.

## Considerações Finais

<sup>10</sup> Nós nunca estivemos tão bem, nós estamos fora de perigo / E se você não conseguiu detectar o sarcasmo, você se enganou (ALLEN; KURSTIN, 2014, tradução nossa).

“Resistimos no dia a dia  
Pra poder chegar o dia que prevaleça  
respeito, igualdade e esperança”  
(QUEBRADA QUEER, 2018).

Após levantarmos a importância de abordar o tema do feminismo, em especial a sua trajetória enquanto movimento, nosso trabalho se construiu em três partes, buscando assim alcançar um melhor resultado na análise da música *Hard Out Here*.

Na primeira parte, realizamos uma revisão da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), de Mikhail Bakhtin, buscando mobilizar os conceitos de signo ideológico, dialogismo, discurso de outrem e polifonia; já que estes viriam a ser utilizados posteriormente em nosso esboço de análise. Durante a nossa leitura, chamou-nos atenção, e de extrema importância, o conhecimento de que o diálogo constitui-se não apenas de dois seres organizados socialmente falando “por falar”, mas sim da interação de enunciados já antes produzidos dentro dessa sociedade que, agora, são novamente postos em circulação por outras vozes a partir de novas condições de produção. Essa nova disseminação do discurso de outrem pode vir para reafirmar o antes dito, ou então para negá-lo no eixo da formulação de discursos, isto é, enunciados efetivamente materializados na língua, conferindo-lhes um valor de verdade, ou um valor de mentira. É por meio desse processo que se realizam as inter-relações sociais entre os falantes (BAKHTIN, p. 251 – 253).

Em um segundo momento, foi possível observar e relatar o feminismo em sua trajetória: do sufrágio universal à *Marcha das Vadias* (2013) e como esse movimento representou um certo acontecimento discursivo importante para o processo de ratificação do papel da (acerca da) mulher na sociedade contemporânea. Para isso, percorremos as principais características das fases desse movimento, ressaltando o seu desenvolvimento e suas evoluções. E, por fim, comparamos o feminismo do presente<sup>11</sup> – em relação a sua estrutura e demandas atuais – com os mesmos indicativos de momentos passados. Desse modo, analisamos como foi proposto as diferenças entre um cenário e outro, embora haja também alguns processos em continuidade.

Ao analisar a canção proposta, e associá-la tanto aos conceitos de Bakhtin (2017), quanto às novas tendências e pautas do feminismo, chegamos ao resultado pretendido ao demonstrar os seguintes elementos: o signo ideológico “vadia”,

<sup>11</sup> Termo cunhado por nós.

anteriormente utilizado para descaracterizar e textualizar a mulher, agora é, na letra e também em outros movimentos contemporâneos (como visto na *Marcha*), tomado pela mulher para *dizer sobre si mesma* como sujeito político e militante (CHAVES, 2015, p. 34). Temos, aí, uma inversão de valores, uma construção que se estabelece a partir do social, dos novos discursos que emergiram a partir de novas condições de produção, Trata-se, a nosso ver, de uma ressignificação da memória em que há mudanças significativas no sentido proposto na contemporaneidade: a vadia como uma mulher livre.

Passamos, também, por outro elemento importante em nossas reflexões, em que há a presença do discurso de outrem e da polifonia na letra em questão, pois, nela são re (articulados) dizeres já enunciados anteriormente de forma repetida e cristalizada na formação social ocidental globalizada do século XXI. Em outras palavras, são falas já comuns a um repertório de conhecimento geral, assim como suas variações (positivas ou negativas). Na música, todavia, estes dizeres são repetidos, mas não reproduzidos da mesma forma, já que aparecem aqui com teor de contestação. Assim, entram em embate a “versão original” do enunciado e uma nova versão, que vem para desmentir e desacreditar aquela primeira. A polifonia, portanto, pode ser percebida pela multiacentuação do signo, e conseqüentemente, dos enunciados (BAKHTIN, 2017, p. 112-113). Ela existe, na letra, nas diferentes vozes (representando aqui diferentes posições sociais) que enunciam dentro de uma mesma palavra, de uma mesma frase. A música, praticamente em sua totalidade, não é dita de apenas um local de fala, já que para contestar e afirmar seu posicionamento, é necessário retomar aquilo de que se discorda.

Em virtude dos aspectos e dos argumentos apresentados ao longo de nosso texto, a palavra “vadia”, nos dias de hoje, embora ainda ressoe e ecoe seus usos e memórias do passado estabelecidos pelo machismo, permite vislumbrar um uso futuro já em desenvolvimento, uma nova ressignificação: esse nada tem a ver com os conceitos anteriormente lhe atribuídos, há, dessa maneira, a instauração de uma nova memória que luta por resistir e persistir diante de um conjunto massivamente preconceituoso de afirmações acerca da mulher e/ou o seu papel na sociedade. É preciso questionar tais posicionamentos utópicos, ecoar novas vozes que emanam novos sentidos que clamam a partir das novas condições e possibilidade do dizer acerca da mulher. Logo, é preciso caminhar em direção à igualdade e à justiça.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Lilly; KURSTIN, Greg. Intérprete: Lilly Allen. **Hard Out Here**. Produção de Greg Kurstin. [S.l.]: Parlophone Records, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E0CazRHB0so/>>. Acesso em: 24 agosto 2018.

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, jan. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v26n1/1806-9584-ref-26-01-e42585.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

AZZELLINI, Érica Camillo; MARTINO, Luís Mauro Sá. Os significados de “ciberfeminismo”: construções de sentido de um feminismo nas Mídias Digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2689-1.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 376 p.

BEAUVOIR, Simone De. **O segundo sexo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 339 p.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

CAZARIN, E. A. Da polifonia de Bakhtin à heterogeneidade discursiva na Análise de Discurso. In: ZANDWAIS, Ana. **Mikhail bakhtin**: Contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005. p. 132 – 174. (Coleção Ensaios, v. 20).

CHAVES, T. V. **Da Marcha das Vadias às vadias da marcha**: discursos sobre as mulheres e o espaço. 2015. 145f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/271053/1/Chaves\\_TyaraVeriato\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/271053/1/Chaves_TyaraVeriato_M.pdf)>. Acesso em: 20 agosto 2018.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO. **Feminismo**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/feminismo>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO. **Machismo**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/machismo>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

F ALCÃO, C.. Vagabunda. [S.l.]: Chavalier Music, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sAQWP0LmOnc>. Acesso em: 9 de out. 2019.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1971. 325 p.

GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A. e. A Marcha das Vadias nas redes sociais: um discurso da militância?. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 1041-1055, set./dez. 2014.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 433-447, mai./ago. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v29n2/07.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

GRIGOLETTO, E. Reflexões sobre o funcionamento do discurso outro: de Bakhtin à Análise de Discurso. In: ZANDWAIS, Ana. **Mikhail bakhtin**: Contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005. p. 116 – 131. (Coleção Ensaios, v. 20).

MEDIUM. **O que são as ondas do feminismo?**. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

MONTEIRO, K. F.; GRUBBA, L. S.. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. **Direito e Desenvolvimento**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 261-278, dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563/441>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio [1975]. Trad. Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 3º edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

QUEBRADA QUEER. **Quebrada Queer**. [S.J.] :Casa 1 Produtora Audiovisual, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FwktAmgku68>. Acesso em: 11 de out. 2019.

RODRIGUES, C. Butler e a desconstrução do gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 179-183, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a12v13n1.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

SANCHES, R. D. **Corpus Alienum**: efeitos do discurso das novas dietas, corpo-projeto e mídia. 2018. 203p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação.

SOUZA, V. C. Z. de. **Chega de Fiu Fiu**: O papel do ciberfeminismo na construção do feminismo na era da Web 2.0. 2015. 83 p. Monografia (Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126668/000844976.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

TOMAZETTI, Tainan Pauli; BRIGNOL, Liliane Dutra. O feminismo contemporâneo a (re)configuração de um terreno comunicativo para as políticas de gênero na era digital. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em:

<[http://file:///C:/Users/aline/Downloads/GTMIDDIG\\_TOMAZETTI-%20Tainan\\_%20BRIGNOL-%20Liliane.pdf](http://file:///C:/Users/aline/Downloads/GTMIDDIG_TOMAZETTI-%20Tainan_%20BRIGNOL-%20Liliane.pdf)>. Acesso em: 08 nov. 2018.

VALENTTI, Jessica. Washington Post online. **SlutWalks and the future of feminism** Jun 2011. Disponível em: <[http://www.washingtonpost.com/opinions/slutwalks-and-the-future-offeminism/2011/06/01/AGjB9LIH\\_story.html/](http://www.washingtonpost.com/opinions/slutwalks-and-the-future-offeminism/2011/06/01/AGjB9LIH_story.html/)>. Acesso em: 17 Nov. 2018.

ZANDWAIS, A. Bakhtin/Volochinov: condições de produção de Marxismo e Filosofia da Linguagem. In: BRAIT, B. (Org.) Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.

Submetido em: 13/10/2018

Aprovado em: 03/211/2019

#### **Como referenciar este artigo:**

POLTRONIERI, Karen Gabriele; RUIZ, Marco Antonio Almeida & AMORIM, Aline Oliveira. “Vadia” sim, por quê não?: as movências de sentidos no discurso musical. **revista Linguagem**, São Carlos, v.33, n.1, jan./jun. 2020 p. 164-187.